

A ESCOLHA DE LIS: VIDA PROFISSIONAL OU A HERANÇA ESPIRITUAL DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS¹

Elio Pereira Fernandes -UFES

Maria Sampaio do Nascimento - UFES

Resumo:

O intuito deste trabalho é analisar a trajetória de vida de uma mãe de santo no município de Vila Velha/ES. Compreendendo que nem sempre é tranquilo o processo de decidir o rumo em nossas vidas. Foi a partir das narrativas da Mãe Lis que entendemos sua atitude em abrir mão de sua carreira profissional, ao optar pela vida religiosa, dedicando-se aos seus filhos/as e à sua comunidade religiosa afirmando o seu pertencimento ao Candomblé, e mantendo em sua casa o culto a Umbanda em memória a raiz espiritual de seu genitor. Mesmo com tentativas de silenciá-la por conta de suas práticas religiosas de matrizes africanas, como oferendas em lugares sagrados, pelos toques dos tambores e cânticos homenageando aos orixás, essa mulher tornou-se vítima do racismo religioso. Portanto, nunca permitiu as tentativas de apagamento feitas por parte dos intolerantes ao legado e às memórias deixados pelo seu pai biológico e pelo seu pai de santo.

Palavras-Chaves: Memórias; Candomblé e Umbanda; Racismo Religioso.

Introdução

Os caminhos a serem seguidos nem sempre são os escolhidos por cada um. Às vezes a necessidade faz com que as crenças em algo acima de nós interferem na vida e a direção que gostaríamos de levar em frente é interrompida por vários fatores que nem sempre encontramos explicações para o que é injustificável. Buscar elementos para explicar a nossa caminhada é o que nos faz sermos aguerridos na busca de soluções nem sempre agradáveis, porém necessárias. Esse foi o caso de mãe Lis que sentiu a necessidade de uma reviravolta em sua vida, devido ao compromisso com seus ancestrais e orixás.

Levando em consideração a sua religiosidade, mãe Lis acredita ter recebido “um chamado da espiritualidade” por meio de seu pai biológico, como a filha escolhida para dar continuidade à vida religiosa de sua família. Por sua vez, aceitou esse caminho não

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

só para dar continuidade às tradições de sua família biológica, mas também por saber do seu compromisso ancestral espiritual. Assim sua trajetória segue a partir de subjetividades pertinentes às tradições afrodiaspóricas, além da nova família religiosa.

Para os não adeptos de tradições de matrizes africanas, certos comportamentos parecem estarem fora das realidades e das sociedades colonizadas por povos eurocêntricos. Antropólogos africanos conclamam para que pesquisadores aguçam suas percepções no que diz respeito às possibilidades de outras pesquisas, não só as ocidentais. Teóricos africanos como Mafeje, Asanti, Ampatá-Bá, Fu-Kiau entre outros, alertam que é possível às práticas epistemológicas a partir de África. Estamos no tempo de perceber a relevância de epistemologias não só eurocentradas, mas que o continente africano tem seus próprios epistemes no âmbito do conhecimento não ocidental. Não é de hoje que pesquisadores como Munanga, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, alertam para que os conhecimentos não ficam limitados apenas do ponto de vista europeu. Destacamos para fazer um contraponto ao eurocentrismo o conceito de afrocentricidade a partir de Asante que conceitua da seguinte forma: “Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com os seus próprios interesses humanos” Asante (2009, p.93). Mais à frente, conceituaremos o afrocentrismo a partir de Muller (2000).

Por meio da interpretação decolonial percebe-se que em plena contemporaneidade não é mais possível apenas a visão hegemônica nas pesquisas. Vale lembrar que os africanos e os negros são seres tão pensantes quanto quaisquer outros povos. Com a colonização europeia a partir das grandes navegações, o ocidente se auto promoveu como povo superior subalternizando outros continentes. A subserviência de continentes como África e América criada pela Europa foi intencional como meio de exploração de seus recursos naturais. Quanto mais se inferioriza uma população, mais fácil fica a sua exploração.

É importante lembrar que o mundo não nasceu a partir das invasões europeias. O mundo já existia antes do século XV e o continente africano, conforme Diop nos mostra o Egito Kemético bem antes da Grécia e de Roma. Hoje os conhecimentos africanos (e afrodisaspóricos) estão estampados graças aos teóricos afrocentrados que se confrontaram com a epistemologia hegemônica.

Com o advento dos conhecimentos africanos foi e é possível a percepção de nova visão de mundo não como antes, ou seja, se pensava um único ponto de vista, o europeu. Hoje podemos utilizar modos africanos de pesquisa. No Brasil, país de raízes africanas

pode se pensar numa interpretação afrodiáspórica nos conhecimentos de tradições outras. Não só podemos pensar que conhecimentos de tradições religiosas vieram do mundo judaico-cristão, mas os primeiros africanos que aqui chegaram trouxeram consigo seus conhecimentos religiosos muitas vezes desrespeitados por agentes eurocêntricos.

Foi com as tradições africanas que Mãe Lis despertou para seus sentimentos religiosos, mas contou também com o exemplo de seu pai biológico, que era praticante da Umbanda, e mais tarde se iniciou no candomblé. Lis o acompanhou por perceber que era necessário mais conhecimento a respeito de práticas africanas, porém não só isso, mas também por se sentir tocada por orixás. Tem início seus compromissos espirituais e com as pessoas que começaram a te procurar por se identificarem com práticas religiosas de matrizes africanas.

Caminhos metodológicos

Não é mais novidade que estamos acostumados com a literatura europeia e a estadunidense quando tratamos de metodologia de pesquisa relacionados aos trabalhos científicos. Quando o assunto é antropologia sempre contamos com a contribuição de Malinowski como fonte na etnografia. Como pesquisa de campo, seu trabalho é aquele que sempre estará nas estantes das bibliotecas como exemplo de pioneirismo etnográfico. Após esse trabalho, outros vieram, mas o título de maior relevância ficará nas nossas mentes, lembrando sempre de palavras que antes desconhecidas e agora comuns a partir da leitura de “Os Argonautas do Pacífico Sul.”

A pesquisa acerca de trabalhos não ocidentais requer uma busca de como descolonizar epistemologia hegemônica presente na maioria dos trabalhos científicos. É preciso pensarmos que não é mais possível permanecermos no contexto de invisibilidade das epistemologias africanas. É desafiador para o pesquisador aplicar uma nova proposta de pesquisa numa visão afrocentrada mediante ao modelo eurocêntrico. Nesse contexto, Dandara e Ligiéro (2018) citam a importância de teóricos como o queniano Ngugi Wa Thiongó, o congolês K. Kia Busenki Fu-Kiau, e do nigeriano Isidoro Okpewo. Tais teóricos ratificam por meio de suas escritas a relevância de paradigmas afrocentrados de leituras e pesquisas. Ainda, nesse sentido Bernardino-Costa, Grosfoguel e Maldonado-Torres (2018) lembram da descolonização. Para eles a descolonização faz parte da tradição de resistência das populações negras e indígenas citando Fanon quando as nomeou de “os condenados da terra.” Por sua vez, Borges e seus colaboradores (2015), lembram que na pesquisa etnográfica não deve prevalecer a mais o modelo hegemônico

de pesquisa. Sugerem a prevalência do diálogo nos modelos africanos, vendo o outro não mais como objeto, mas como sujeito conhecedor de seu mundo. Nesse caminho Muller (2000) aponta que o afrocentrismo é a forma metodológica de descolonizar o conhecimento em África.

Seguindo uma linha descolonial, Anjos (2006) nos alertam fazendo sua crítica: não se deve mais pensar em vantagem epistemológica que o antropólogo em certos casos demonstra ter sobre o nativo. Dias (2017) denuncia que muitos termos filosóficos são utilizados para justificar a colonização e a liberdade para estudar e categorizar os outros. Clifford (2002) alerta que mudanças estão ocorrendo e foram percebidas nas décadas de 1960 e 1970 com o movimento da “negritude”. Ele argumenta que o ocidente não pode mais sustentar o fato de um conhecimento de “mão única”. O ocidente não é mais o único provedor de conhecimento.

As observações a respeito de novos paradigmas nas pesquisas sobre assuntos pertinentes ao continente africano, e às populações afrodiaspóricas e afrodescendentes no Brasil, destacam a transmissão oral, principalmente no que tange às tradições religiosas. A oralidade é um modelo utilizado em África, e pelos povos africanos que chegaram forçados ao Brasil no século XVI e seus descendentes. É imprescindível destacar a importância para essa população do legado dos seus ancestrais, e a oralidade faz parte por porque a religiosidade africana que chegou ao Brasil não possuía nenhum material escrito.

A transmissão oral é um fator relevante quando se trata de tradições religiosas trazidas na travessia transatlântica da África-Brasil. Quando se trata de oralidade podemos destacar o teórico africano Hampaté-Bá (2011). Para ele, a transmissão oral é uma prática onde o desafio é a paciência de falar e ouvir. É na oralidade que a memória adquire grande destaque pois o mestre deixa a sua herança ao seu discípulo. Hampaté-Bá (2011) descreve que a herança cultural por muito tempo era considerada apenas por meio da escrita. Mas no continente africano a oralidade tem seu destaque por não dissociar o espiritual do material. A tradição oral, segundo Hampaté-Bá (2011, p. 169), “é o conhecimento do total”, é quando o homem conhece o seu lugar e o seu papel no seio do mundo.

A umbanda e os guias: O candomblé e os orixás

Após a chegada compulsória de africanos no Brasil, como bem dizem Rufino e Simas (2018), foi preciso recriar novas práticas religiosas no lado de cá do Atlântico. A partir da cosmogonia África/Brasil surgiu a umbanda com Nzambi, seu guia supremo, e

o candomblé com seu panteão dos orixás liderados por Olorum, o orixá supremo. Mesmo com influências de tradições de matrizes africanas essas práticas religiosas nasceram no Brasil. Segundo Dandara e Ligiéro (2018) em África não existe hierarquia entre orixás. Umbanda e candomblé possuem pontos em comum: a natureza com suas ervas sagradas, e a transmissão oral de seus saberes.

A literatura brasileira acerca de umbanda e candomblé destaca que ambas religiões possuem raízes advindas de África a partir do século XVI com a chegada dos primeiros africanos escravizados no Brasil. Os povos Bakongo da etnia Bantu vindos do Reino de Congo Fonseca (2024) dão início aos primeiros cultos afrodiaspóricos em solo brasileiro. A partir desse movimento teve início a represália dos colonizadores sobre quaisquer formas de manifestação religiosa africana.

Mesmo com a proibição, os escravizados criaram métodos de manifestação por meio de rituais desconhecidos da população colonizadora. Por serem desconhecidos, os ritos africanos eram considerados diabólicos por uma parte daqueles que estavam em solo brasileiro. Lembrando que os calundus Silveira (2009) era uma prática africana que contava com a simpatia de alguns padres católicos e senhores de engenho. Sobre calundu, Silveira (2009) aponta que a umbanda é resultado do que sobrou dele, juntamente com o catolicismo popular.

Quando se trata da umbanda, vários autores descrevem distintos conceitos. Não é à toa que Simas (2022) utiliza o termo umbandas. Sobre essa religião, Silva (2005) argumenta que a umbanda nasceu nas décadas de 1920 e 1930 nas reuniões kardecistas, prática religiosa vinda da França Silva (2005) Dandara e Ligiéro (2018) descrevem uma umbanda com influências dos povos africanos e elementos indígenas. Alertam que é uma religião em construção. Não devemos esquecer que Simas (2022) sintetiza a umbanda como agregamento de ritos africanos de origem bantu, ensinamentos dos povos vindos do reino de Congo, dos ritos indígenas e dos ritos cristãos.

Com várias interpretações das umbandas, algumas características são comuns nos ritos e cultos realizados nos espaços chamados de casa, de templo, de tenda e de terreiro. Os ritos que na umbanda são chamados de gira, acontecem quando espíritos ancestrais, também chamados de guias ou entidades, incorporam, ou seja, utilizam o corpo dos médiuns. Os médiuns são as pessoas que entram em contato com o mundo invisível dos espíritos Silva (2005). Ocorrem também os cultos aos mortos, além da crença nas curas. Nos momentos do transe, os espíritos desencarnados incorporados nos corpos dos vivos, benzem os necessitados.

De acordo com Simas (2022) no ritual existe a conexão entre o mundo invisível dos mortos, com o mundo visível dos vivos. Nesses eventos espirituais umbandistas Simas (2022) destaca a existência de uma conexão entre o vivo e o morto fazendo com que aconteça uma procura do equilíbrio entre humano e natureza. Para os adeptos da Umbanda todos esses acontecimentos são conduzidos por um ser supremo chamado Zambi (Nzambi para os candomblecistas de origem dos escravizados vindos de Angola).

A respeito dos espíritos ancestrais presentes nos espaços rituais destacamos os pretos velhos, entes africanos, os caboclos, representando os espíritos dos indígenas, os exus, as pombas giras, os malandros, representando na sua maioria das vezes pessoas marginais, porque eram pessoas excluídas da sociedade de sua época. Os ciganos, boiadeiros, baianos e os marinheiros, como o próprio nome diz, representam essas mesmas categorias. Estas são as entidades ou guias que se fazem presentes nos terreiros de umbanda.

Exemplificando essas entidades africanas podemos citar vovó Maria Conga, pai Joaquim de Angola e vovó Cambinda. Entre os indígenas podemos destacar a cabocla Jurema, cabocla Jupira, cabocla Indaiá, caboclo Tupinambá e o caboclo Ubirajara. A respeito das categorias marginais destacamos as pombas-giras Rosa Vermelha, Maria Padilha, Maria Mulambo e Rosa Caveira. Entre os exus temos seu Tiriri, senhor Tranca-Ruas, exu Veludo, exu da Meia Noite. Destaque para os malandros, Maria Navalha, Zé Pretinho e Zé Pilintra. O Zé Mineiro e o Zé da Campina são boiadeiros conhecidos dos umbandistas. Os baianos Zé do Côco e Zé Baiano se destacam no panteão umbandista, e os marinheiros Zé da Praia e Martim Pescador contribuem como guias importantes na umbanda. Entre os ciganos, os mais conhecidos são Esmeralda e Vladimir.

Não menos importante que a Umbanda, o Candomblé por sua vez não cultua os mortos, porém acredita em outros entes, os orixás, deuses africanos do candomblé. Silva (2005) descreve que a população africana com os cultos aos orixás, chegaram ao Brasil vinda da Nigéria, do Benin e de Togo. Eram os sudaneses, os jejes e os fanti-achantis. Em condições de escravizados, essa população não se dobrou diante das exigências da coroa ao culto do catolicismo. Na interpretação de Silveira (2009), os calundzeiros que agregaram aos seus cultos o catolicismo deram origem à umbanda. Aos ritos com somente tradições africanas nasceu o candomblé.

Quando se trata do Candomblé, Santos (2010) argumenta que o Candomblé não proíbe que seus adeptos frequentem outras religiões, porém não admite interferência de fundamentos de outras religiões nos seus cultos. Diferente da Umbanda, o Candomblé é

representado por vários orixás. Oxalá (o criador), e Exu (o que vem na frente abrindo caminho). A representante das águas doces, Oxum e as águas salgadas, Iemanjá, o manguezal, Nanã Buruquê, o vento, Iansã, a justiça, representado por Xangô, a força, o metal e o fogo, com representação de Ogum, Oxóssi, caçador e protetor das matas. Esses são os orixás mais conhecidos até porque são cultuados também na umbanda. O Candomblé tem como uma de suas finalidades aos seus adeptos aumentar a sua força vital, o axé.

No Candomblé existe o transe. Acontece quando os iniciados têm o seu corpo tomado pelo orixá. A esses iniciados é dado o nome de rodante. Existe também a figura do ogã. Esse é escolhido para conduzir os cantos homenageando cada orixá. É o que bate o tambor nos ritos. Não podemos esquecer da ekedi. Essa não entra em transe, é a que cuida dos orixás. No candomblé a pessoa mais importante é a mãe-de-santo, a Ialorixá ou o pai-de-santo, o Babalorixá. A esses é passado o ensinamento por aquela mãe ou pai que a (o) iniciou.

Para os candomblecistas, todo ser humano tem um orixá. Para cada um saber o seu, é preciso passar pela consulta do oráculo no jogo de búzios. Esse é constituído de uma peneira com dezesseis conchinhas africanas denominadas búzios. O nome de cada búzio é Odu. Jogado pela Ialorixá ou pelo Babalorixá, a pessoa passa a saber quem é o orixá sua mãe ou seu pai a partir desse momento. A partir daí nasce o compromisso, a aliança entre o orixá e o adepto.

Para aqueles que querem compromisso com o orixá é preciso “fazer o santo”, ou seja, é feita cerimônia, onde o candomblecista iniciante deita pro santo. Tem toda uma preparação que não cabe explicar nesse momento. Porém é válido saber que cada orixá tem o seu animal representante, e que durante a cerimônia sua carne é compartilhada entre o orixá e os participantes do ritual. Mesmo não lidando com espíritos dos mortos como na Umbanda, Santos (2010) afirma que os mortos têm um cantinho no Candomblé para serem venerados.

Precisamos lembrar que as religiões de matrizes africanas não devem ser comparadas a nada do que diz respeito às religiões de matrizes ocidentais. A figura do diabo é algo que os leigos costumam atribuir aos ritos dos povos africanos e afrodiáspóricos. Também é importante lembrar a inexistência de maniqueísmo nessas tradições, pois diabo e maniqueísmo fazem parte das doutrinas cristãs.

Família, Memória e Escolha

A respeito do candomblé destacamos a família de santo. Como nos lembra Silva (2005) foi uma forma que escravizados encontraram para estruturar os grupos étnicos em laços religiosos em solo brasileiro. A partir desse movimento estruturou-se também os terreiros como forma de organização. Eram nesses espaços que se reuniam para a realização de seus cultos. Nas estruturas atuais do candomblé, a partir do momento que a pessoa faz santo ela participa dos rituais nos terreiros, criando um laço familiar e passa a fazer parte da família-de-santo.

Atualmente, como descreve Silva (2005), as famílias-de-santo não se formam por meio das etnias, mas por laços e compromissos religiosos. Os participantes iniciados no Candomblé passam a ter avós-de-santo, irmãos-de-santo, mães-de-santo e pais-de-santo. Os laços dessa família são reforçados pela consideração, respeito, amor, obediência, além dos vínculos religiosos.

Os terreiros com as suas famílias-de-santo podem ser uma busca das tradições em África. Rufino e Simas (2018) argumentam que nesses espaços estão sabedorias, oralidade, sociabilidades e pertencimentos. Afirmam também que as memórias, os poderes mágicos e corpos se entrecruzam formando fortes laços familiares. Esses elementos já faziam parte no passado como forma de resistência que os escravizados utilizavam para a sua sobrevivência frente às violências praticadas contra a sua religiosidade.

Sobre as religiosidades de matrizes africanas, Santos (2010) afirma que não existe nenhuma forma de proselitismo a respeito dessas tradições. É fundamental a ética por serem práticas religiosas onde pessoas buscam ajuda e força espirituais para superar sofrimentos e conflitos. É fundamental lembrar que as religiosidades afrodiáspóricas não dão garantia de eficácia para seus adeptos solucionarem seus problemas.

Quando o assunto é a família de santo Lis Maria, a mãe Lis nos mostra com seu relato sua vida religiosa em relação ao seu pai biológico, o senhor Eurico Ferreira Júnior. Com o passar do tempo foi o mesmo caminho que ela seguiu levando adiante o legado do senhor que dedicou sua vida a levar a saúde mental, física e espiritual aos que o seguiram no caminho da religiosidade. Mãe Lis teve a gentileza de relatar para nós como iniciou a sua vida religiosa e sua escolha, seguindo os caminhos de seus pais.

Na tarde de 10 de novembro de 2023, chegamos no bairro Itapuera da Barra, no município de Vila Velha, no estado do Espírito Santo. É importante lembrarmos que os acontecimentos devem ser registrados com a máxima precisão sem esquecer detalhes. Ao

chegarmos no terreiro de Lis o pedreiro nos informou que a mesma não se encontrava, mas era para aguardarmos a sua chegada. Imprevistos acontecem e Wagner (2017) contribui alertando que o pesquisador é um aventureiro sujeito à imprevisibilidade em sua etnografia. Rufino e Simas (2018) afirmam que nas epistemologias das religiões de matrizes africanas o princípio da imprevisibilidade é entendido como o confronto à verdade única.

Como pesquisadores, podemos afirmar a necessidade de buscar materiais bibliográficos para uma análise profunda juntamente com a pesquisa etnográfica e assim analisar com segurança os registros orais. Especulamos o bairro e percebemos sua beleza por perceber a natureza quase intacta e a presença do braço do rio Jucu não poluído. É uma região considerada rural, porém em seu entorno percebemos vários condomínios de luxo. A pequena população do bairro resiste à especulação imobiliária, e a mãe Lis está nessa luta justificando que seu pai chegou em Itapuera da Barra antes dos condomínios.

Depois de nos apresentarmos iniciamos a conversa com a mãe-de-santo e ela nos mostrou parte do terreiro que na ocasião estava em reforma. São muitos ambientes onde misturam imagens de guias, santos e orixás, palhas secas, panos coloridos, bebidas, velas, e outros apetrechos fazendo parte das tradições africanas. Depois iniciamos a conversa prestando atenção nos detalhes da fala de uma mulher decidida. Vansina (2011) descreve a importância da oralidade nos trabalhos. Chama a atenção sobretudo pela complexidade de entender a tradição oral.

O destaque para a tradição oral se dá porque além de registrar o testemunho dos acontecimentos do passado, ela transmite as memórias. Para Mbembe (2018) essa memória, principalmente quando se trata de consequência da colonização deve ser lembrada para assim não ocorrer a alienação e não se repetir a colonização. É o que ele chama de memória vigilante. Foi por meio da colonização que se deu a escravização dos povos. Vansina (2011) destaca que a transmissão oral se torna mais importante quando conseguimos captar fatos da memória por meio do testemunho ocular. Esse fato ocorreu quando a mãe Lis apontava para a parede de seu terreiro as pinturas dos guias e dos orixás de seu pai biológico e do seu pai-de-santo.

Destacamos que na religiosidade africana e afrodiáspórica a memória se torna um fator imprescindível. Le Goff (1990) descreve que a memória é importante para a oralidade. Ela não é apenas individual. Para o autor, ela pode ser coletiva, pois assim resgata não apenas as lembranças vividas por uma única pessoa, mas também pelas

lembranças que lhe foram repassadas. Tais lembranças passam a pertencer à uma comunidade ou grupo.

Nas suas memórias, Lis relata que seu avô carnal paterno Eurico Ferreira era ligado às religiões de matrizes africanas, mas sua avó carnal, Nair Carlos Ferreira tinha horror dessas práticas religiosas. Na família por parte materna todos têm o pé na espiritualidade e diz que no Rio de Janeiro parte de sua família continua a frequentar o terreiro, inclusive sua prima Laura de Jagun é mãe-de-santo.

Eurico Ferreira Júnior, pai de Lis, abriu um terreiro de Umbanda em 2003 no bairro de Itapuera da Barra onde tocava Umbanda. Porém sua vida religiosa teve início aos 14 anos no terreiro de Umbanda do pai Milton de Omulu, no bairro Padre Miguel, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. Em 1994 sua família veio para o estado do Espírito Santo e não procurou nenhum terreiro até que, por motivos espirituais na família, Eurico foi ao “Terreiro de Umbanda do Caboclo Caçador” no bairro Soteco em Vila Velha. O dirigente, seu Jorge, incorporava Zé Pilintra, coincidência ou não, o pai de Lis incorporava essa entidade. Segundo mãe Lis o líder se aproximou de seu pai e lhe disse “na minha casa, o senhor não fica na assistência, não fica do lado de fora, o senhor fica do lado de dentro”. A partir da visita ao terreiro de seu Jorge, a família voltou à vida religiosa. Seu Henrique acompanhando de Lis procurou pelo pai Milton de Omulu no Rio de Janeiro tomou o bori e foi cuidado por ele entre 1999 e 2009.

Lis continua a narrar sua história, lembrando das dificuldades ao chegar no bairro Itapuera da Barra. Local que em 19 janeiro de 2003 seu Eurico fundou a “Casa de Umbanda Caboclo Pena Verde” em homenagem a esta entidade que trabalhava com ele. O bairro não tinha condução, e nem luz elétrica. Mesmo assim, o exu o qual o seu pai incorporava, o senhor Sete Encruzilhadas, botou quatro estacas no chão com uma lona no quintal de seu pai e disse; “a partir de hoje essa casa é minha”. Seu Sete Encruzilhadas usava uma capa preta e vermelha. Essa capa se encontra no terreiro até hoje porque esse exu é o guardião do terreiro. O congá era uma caixa de madeira que os pedreiros usam para fazer massa de cimento. Forravam a mesma com uma toalha e seu pai abria a gira para atender um grande número de pessoas que buscavam ajuda. Com o tempo, a família biológica de Lis foi construindo a casa cômodo por cômodo até a construção do terreiro. Sua irmã também colaborava nos trabalhos de consulta incorporando seu exu Mangueira.

Em 2008 quando Lis estava grávida de sua filha, tomou o último bori com pai Milton que lhe falou após jogar búzios “minha filha, é o último bori que você toma na

minha casa, olha só, você precisa fazer santo e hoje eu não início mais ninguém. não se preocupa, não vá a lugar nenhum, não procure ninguém, porque você vai fazer santo com um homem do Oxóssi dentro da sua casa”. Seu pai já tinha uma casa aberta no Espírito Santo, mas Lis pensou que pai Milton estava maluco. Na casa de Umbanda liderada por seu pai Eurico conheceu vários pais e mães de santo, sem chegar a ter afinidade com eles/as, até que um dia uma senhora chamada Sueli da Oxum, filha de mãe Celinha de Iansã, bairro Garoto, Vila Velha, em visita a sua casa convidou seu pai para participar de sua obrigação de sete anos. Seu Eurico após conhecer o pai de santo de Sueli disse à filha Lis que aquele seria o seu pai de santo e que ela precisava conhecê-lo indo a sua saída.

Lis nessa época trabalhava em uma grande empresa no município de Serra, também no Espírito Santo. Ela decidiu ir até o pai-de-santo, o pai Odessi, no bairro André Carloni, em Serra. Após o jogo de búzios, o pai-de-santo lhe informou que “você tem posto, você tem cargo de Iyalorixá, e precisava abrir uma casa de candomblé. Seu destino estava traçado como Iyalorixá, ou seja, a mãe-de-santo que conduz os trabalhos como chefe de uma casa no Candomblé. Ao receber a mensagem dos búzios que devia iniciar no candomblé vendeu seu carro e comprou o material necessário para a sua iniciação. Seu Eurico que na época não havia feito o bori de feitura com pai Milton, realizou junto com a filha em setembro de 2009 a iniciação no Candomblé. Quando concluíram suas obrigações, ele passou a ser chamando de pai Eurico de Omulu e ela de Iyalorisa Lis Maria de Òsògìyàn, passando o terreiro do Caboclo Pena Verde fundado por seu Eurico a ser uma casa de Candomblé e Umbanda, recebendo o nome de “Ilè Oní Odé Asé Babá Layó”.

Em fevereiro de 2018, Eurico de Omulu, seu pai biológico, estava doente quando Lis tomou uma obrigação de candomblé. Em 17 de dezembro desse mesmo ano seus filhos biológicos Lucas e Isabela iniciaram no candomblé. Lis é filha de Oxaguian, Lucas de Airá e Isabela é de Iemanjá. Com a alegria de ver seus filhos iniciarem no Candomblé, Lis assistiu logo em seguida à morte de seu pai em primeiro de janeiro de 2019. Pai Paulo orientou o que tinha de ser realizado como ritos dos pós morte de um filho-de-santo. Mãe Lis organizou conforme as orientações que recebeu e fechou o barracão para viver o luto. Após seis meses, reabriu a casa para dar continuidade aos trabalhos. No dia 08 de outubro de 2023, Lis faria as obrigações de 14 anos, mas não com seu pai Odessi (in memoria), agora com o pai-de-santo Paulo de Ogum, que é seu avô de santo e pai de santo de seus filhos biológicos e de seu marido.

No ano de 2023 quando nos deu a entrevista, completou 14 anos que a mãe-de-santo havia saído do emprego. Com um salário altíssimo, ela se encontrava na situação de fazer uma escolha: a carreira profissional ou uma família-de-santo que pretende conduzir até o final de sua vida. Segundo as suas palavras, tinha projeção de cargos bem elevados na grande empresa onde trabalhava. Tinha cargo de supervisora. Consciente de seu compromisso com seus guias e orixás, Lis optou por fazer santo e iniciar uma nova etapa de sua vida e assumindo mais uma família. Considera um divisor de água em sua vida. Afirma que não foi uma escolha fácil, mas necessária.

De acordo com a mãe-de-santo sua escolha foi por amor ao orixá, no caso, Oxaguiã. Seu orixá pediu que fizesse essa escolha. Fez também por amor à religião. Pensa que seguir esse caminho é sua missão. Argumenta que não sabe o que seria de sua vida caso escolhesse outro caminho, e também afirma que a vida é feita de escolhas. Não se arrependa por estar nesse caminho. Acredita que fez o que é melhor para a sua vida.

Lis diz não interferir nas escolhas de seus filhos biológicos e nem de seus filhos de santo. Costuma dizer para eles: “Pensa direitinho. Vê se é isso mesmo que você quer para a sua vida. Porque eu conheço a porta de entrada para o Candomblé, mas eu não conheço a porta de saída. Essa porta não me apresentou. Ela não existe. Então pensa direitinho. Vê se é isso o que você quer”.

Lis tem graduação em Contabilidade. Pensa em se graduar em Psicologia ou Psicanálise como forma de contribuir com seus filhos e com os que a procura em busca de algum tipo de orientação. Atualmente estuda assuntos que têm a ver com a sua religião.

Lis relata que os moradores que moram a mais tempo no bairro nunca a discriminaram por professar suas tradições. Porém com a chegada recente de moradores a sua vida religiosa e de seus filhos-de-santo não é a mesma. Os novos moradores os ameaçam pelo simples gesto de apanhar no meio da rua estrumes do gado da região. As ervas que antes ela apanhava em qualquer hora do dia, hoje ela e seus filhos saem na madrugada para evitar problemas com essa vizinhança.

Em 2023, durante um ritual, alguém passou na rua em frente ao barracão e jogou uma bombinha de São João dentro do terreiro. Lis Maria buscou ajuda com o presidente da associação de moradores do bairro, mas não obteve a resposta desejada. O presidente apenas apoiou a sua atitude de fazer denúncia ao Ministério Público Estadual. Por enquanto o caso está sendo investigado. Nem por isso a mãe-de-santo deixou de cultivar seus orixás e guias. As atividades não pararam com esse ataque. O barracão está funcionando com seus trabalhos de iniciação e jogo de búzios conforme as necessidades

dos que a procuram no barracão para aliviar suas dores, assistir aos ritos ou participar das festas.

Definir mãe Lis é entender que estamos diante de uma mulher decidida, o tipo de pessoa que leva suas lutas às últimas consequências. É forte por enfrentar os acontecimentos como o racismo religioso e a intolerância religiosa que sofreu e sofre por professar religiosidade afrodiaspórica.

Considerações Finais

A (antes) intenção e a realização desse trabalho nos veio quando percebemos uma mulher candomblecista que por meio de sua fala numa reunião. O motivo desse evento era como reivindicar as ações ao poder público diante de ataques às religiões de matrizes africanas, e a possibilidade de se construir um santuário para os povos de terreiro. Percebemos que os povos de comunidades tradicionais são invisibilizados quando se trata de direitos e poder público. Foi nessa reunião que conhecemos Lis Maria, uma mãe-de-santo empoderada.

Na reunião todos tinham o direito de falar e na sua vez ela se manifestou a respeito da intolerância religiosa e racismo religioso que seu barracão sofreu. Ela recorreu ao Ministério Público Estadual, instância responsável para investigar o incidente e na época estava aguardando o parecer. Após seu depoimento nos veio a ideia de uma conversa com essa mãe-de-santo. Por tratar de uma conversa a respeito a um assunto polêmico, decidimos escrever um artigo para a apresentação em evento para demonstrar o que os povos de terreiro estão sujeitos. Ao chegar no barracão para a conversa, Lis Maria nos relatou a atitude que teve que tomar a respeito de sua vida profissional e sua vida religiosa. E os orixás interferiram nessa escolha porque a partir dessa decisão sua vida mudaria e ganharia mais uma família: a família-de-santo. Lis fez sua escolha. Para

Ao escrever esse artigo, além dos vários teóricos ocidentais, recorreremos aos teóricos africanos e decoloniais com intuito de mostrar que africanos também falam por si, e dar ao ocidente a oportunidade do conhecimento de uma África descolonizada. O papel da literatura decolonial é alertar que a literatura hegemônica não é a única epistemologia de pesquisa nas academias. É um novo modelo para as pesquisas onde os africanos falam por si e escrevem por si.

É uma demonstração para saber que o agenciamento é inerente a todos os povos. O Brasil precisa aderir aos conhecimentos africanos devidos esses povos terem

contribuído com todas as áreas, que vão desde sua contribuição no plantio de cana-de-açúcar como escravizados até as informações sobre as ciências, que nos chegaram por meio dos pesquisadores decoloniais. Sabemos que é necessário ver de outros pontos de vista e assim termos acesso a outras literaturas tão importantes, mas em condições de igualdade entre ocidentais e não ocidentais.

Para entender as religiões de matrizes africanas foi preciso entender os pensamentos africanos e afrodiaspóricos. Pensar na possibilidade de diálogos com espíritos ancestrais, de cultuar orixás como força da natureza, de se ter a crença em energias como o axé, nos faz despertar para leituras de teóricos afrocentrados. Mesmo assim não devemos desprezar a literatura hegemônica. Precisamos da contribuição de teóricos ocidentais, pois a partir das críticas sobre eles chegamos a outras referências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, José Carlos dos. **No Território da Linha Cruzada: A Cosmopolítica Afro-Brasileira**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS/Fundação Palmares, 2006.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: _____. NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.) **AFROCENTRICIDADE: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson (Org). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed.: Belo horizonte, MG: Autêntica, 2018.
- BORGES, Antonádia et al. Pós-Antropologia: as Críticas de Archie Mafeje ao Conceito de Alteridade e sua Proposta de uma Ontologia Combativa. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 30, n. 2, p.347-368, mai./ago, 2015.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. RJ: Editora UFRJ, 2002.
- DANDARA; LIGIÉRO, Zeca. **Iniciação à Umbanda**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.
- DIAS, Jamille Pinheiro. Tradução de: STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Caderno de leituras, n. 62, BH; Chão da Feira, 2017.
- FONSECA, Dagoberto José. **Um Povo, Duas Nações: Angola e Brasil- o Mundo Bantu no Atlântico**. 1ª ed. São Paulo: Editora Dandara, 2024.
- HAMPATÉ-BÂ A. A tradição viva. In _____. **História Geral da África: Metodologia e Pré-história da África**. Vol. I. Editor Ki-Zerbo, J., 2ª ed., UNESCO, 2011.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1982.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução: NASCIMENTO, Sebastião. São Paulo: n-1edições, 2018.
- MULLER, Paulo Ricardo. Tradução de: MAFEJE, Archie. **Africanity: a combative ontology**. CORDESRIA Bulletin, n. 3 & 4, 2008, pp. 106-110 [Republicado de CORDESRIA Bulletin, n. 1 & 4, 2000, pp. 66-71].
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. **Fogo no Mato: A Ciência Encantada da Macumba**. 1ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2018.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário.** Belo Horizonte, MG: Nandyala, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira.** 5ª ed., São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVEIRA, Renato da. Do Calundu ao Candomblé: Os rituais de fé africanos ganharam o seu primeiro templo no início do século XIX. In: _____. FIGUEIREDO, L. (Org.) **Raízes Africanas:** Coleção Revista de História da Biblioteca Nacional no bolso. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: uma história do Brasil.** 5ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

VANSINA, J. A Tradição Oral e Sua Metodologia. In: _____. **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África.** Vol. I. Editor Ki-Zerbo, J., 2ª ed., UNESCO, 2011.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura.** São Paulo: Ubu Editora, 2017[1975].